

O mundo virtual exige nossa presença. Imensas redes se formam e nos conectam em passagens de grande velocidade. As redes sociais movimentam nossas vidas entre imagens, códigos, frases, pensamentos e emoções. A velocidade das informações articulam-se ao cotidiano de todos nós, alimentando ininterruptamente com informações díspares em sempre novas conexões cotidianas. Não podemos estar distantes dessa grande rede de informação. Para tal, nossa revista apresentará no próximo número sua versão eletrônica e ficará hospedada na página da Faculdade de Educação da universidade Federal do Ceará.

José Gerardo Vasconcelos

Editor

O ENSINO DE FILOSOFIA NO RECÔNCAVO SUL ¹

TEACHING PHILOSOPHY IN SOUTH RECÔNCAVO

EMANOEL LUÍS ROQUE SOARES

Professor adjunto II da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professor de Filosofia da Educação do Centro de Formação de Professores, Amargosa-BA, grupo de pesquisa NÚCLEO DE PESQUISA FILOSÓFICA: EDUCAÇÃO, EPISTEMOLOGIA E POLÍTICA, linha Filosofia da Educação, Doutor em Educação (2008) Universidade Federal do Ceará/FACED.

E-mail: emares@ufrb.edu.br

Resumo

Este texto descreve projeto de pesquisa **O ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jequiçá**, que tem como finalidade principal diagnosticar a situação em que se encontra o ensino da filosofia nas escolas do nível médio do Recôncavo Sul e como está se dando este ensino nas universidades. A responsabilidade de “filósofo profissional” nos deixa abertos para novas possibilidades, cabendo a nós mesmos analisar as novidades de maneira criteriosa e crítica, para que, ao verificar sua serventia, esta possa ser usada no sentido de partilhar saberes com outros ou de produzir novos saberes para o uso comum, o que reconduz a filosofia ao ponto de destaque que sempre ocupou de prestadora de serviço da humanidade. O método utilizado na pesquisa será a fenomenologia e a descrição semiótica, pois esta visa focalizar ações, pensamentos e estruturas deontológicas para vislumbrar as contradições por meio de análise dos discursos implícitos nas entrevistas de professores, gestores e alunos do ensino médio, confrontando-as com os discursos dos formadores universitários.

Palavras-Chave: Filosofia. Ensino médio. Semiótica.

Abstract

This paper describes the research project Teaching of Philosophy in Amargosa and Jequiçá Valley, having the main purpose to diagnose the of philosophy teaching in high schools in Recôncavo South and how this teaching is taking place in universities. The responsibility of “professional philosopher” leaves us open to new possibilities, since, we are in charge to analyze novelties, by ourselves, very carefully and critically, so that we can be able to check their usefulness, in order to share knowledge with others or to produce new knowledge for the common use, aiming to bring philosophy in the service of humanity. The method used the description of semiotics and phenomenology, focusing on actions, thoughts and deontic structures for a glimpse of the implicit contradictions in a discourse analysis of interviews of teachers, administrators and high school students and also, to compare them with speeches by university instructors.

Key-Words: Philosophy. High school. Semiotics.

Introdução

Procurar é a palavra fundamental para o filosofar. Aquele que filosofa está sempre errante a procura de algo, partindo de um diálogo com o mundo e com os outros atrás de evidências, que vive ansiosamente uma expectativa, sôfrego por verdade e conseqüentemente encontrando falsidade, andando na linha tênue entre o racional e o irracional, peneirando ideias, palavras, sentidos e fenômenos que, para eles, os procuradores, estão ávidos para ser desvelados. Quando procuramos alguém, quando procuramos o outro queremos escutá-lo, e desta forma, o filosofar é sempre parte da escuta, parte que antecede ao diálogo, mas não somente a escuta de maneira apressada é suficiente pois, procurar, também, é esforçar-se para abertura do entendimento, tal esforço e procura pelo saber foi comum e continua sendo até hoje a todos os homens na face da terra. Um dos iniciais berços deste conhecimento humano que chamamos filosofia, criou na Grécia antiga o que conhecemos, hoje, como Academia que a principio, é o local onde se dá o ensino, ensino sobre o eu os outros e o mundo, o ensino do filosofar.

A academia nasce com uma querela que nos perturba até hoje, tal preocupação é de caráter prático, político, ético, religioso e metodológico, que nos remete a diversas questões: como devemos ensinar, a quem devemos, por que devemos, o que devemos, para que devemos e a quem serve nosso dever de mediadores deste ensino? Naquela época, séculos V e VI a.C., a cidade de Atenas foi o centro da cultura grega, o legado da democracia que exigia a existência de bons oradores. As disputas e contendias eram vencidas por aquele que tivesse o dom da palavra, ao mesmo tempo, teologia, mitologia e tradição são questionadas pelo livre exercício racional de qualquer individuo e surge neste tempo uma classe de operários do saber que conhecemos como

sofistas, pensadores que dedicavam-se a ensinar a arte do bem falar e instituem a remuneração como troca por este ensino. E este movimento precipitou o nascimento da filosofia, juntamente com a Academia platônica para o qual o compromisso com a verdade foi maior que a gana de vencer a contenda dialética e, assim, a filosofia, como em um movimento de cachorro que corre atrás do próprio rabo, desde sua tenra idade examina-se dialogando consigo mesma com a sua recente história e tradição da Paidéia, perquirindo-se e inovando-se na escrita filosófica que conhecemos hoje.

“Nasce assim uma cultura diferente” em relação ao passado. Feita “de conhecimentos e de capacidades distintas da sapiência do sacerdote, da produção teórica do cientista, das habilidades técnico-especialistas” e “entendida como formação moral, retórico-lingüística história do homem político enquanto tal”. E “a transmissão desta cultura” torna-se “a tarefa fundamental da atividade educativa” (VEGGETTI). É uma educação pública, retirada da família e do santuário, que visa à formação do cidadão e das suas virtudes (persuasão, capacidade de liderança, sobretudo). É uma educação que se liga à palavra e à escrita e tende à formação do homem como orador, marcado pelo princípio de *kalokagathos* (do belo e do bem) e que visa cultivar os aspectos mais próprios do humano em cada indivíduo, elevando-o a uma condição de excelência, que todavia não se possui por natureza, mas se adquire pelo estudo. (CAMBI, 1999, p.86)

Aqui está inaugurada a idade que chamamos de Paidéia grega que se estende até a romana na qual o homem passa a ser o centro da cultura e fazedor da sua própria história elevado pelos princípios humanos mais sublimes entre os quais o “conhece a ti mesmo” socrático, livre dos deuses, porém, escravos do processo educacional que passa a ser o desafio de todos para melhor formação de cidadãos capazes de elevar a sua própria autonomia. Este princípio vai reelaborar-se, mais uma vez, no medievo, com o fim do império romano onde toda a cultura, preservada pela igreja católica, das invasões dos povos chamados

de bárbaros é submetida ao Cristo, passando este a ser o *télos* de toda a filosofia, tornando-se seus ensinamentos na essência à vida e sendo inadmissível a falta de uma tutela divina para o homem.

Esta filosofia, saída do medievo, veio para o Brasil com os jesuítas e desde então nunca teve um lugar definido no currículo escolar ou uma didática de seu ensino não havendo produção de livros para o seu ensino, apenas poucos manuais.

Percorrer a trajetória do ensino de filosofia significa buscar ampliar a compreensão sobre sua configuração na escola contemporânea. Tem-se consciência da impossibilidade de encontrar respostas às questões que emergem do percurso trilhado, mas entende-se que, ao resgatá-lo, outras interrogações serão suscitadas, permitindo que novos objetos se apresentem como focos de especulação, pois o cultivo do entendimento implica em perquirir respostas, sabendo que não existem certezas (HORN,2000,p.17)

Cronologia do Ensino de Filosofia no Brasil

- 1553 ou 1556 – Fundação de um colégio dos jesuítas em Salvador (CARTOLANO, 1985, p.22) que tinha como objetivo básico ampliar o número de seguidores da religião católica formando professores que educavam através da fé.
- 1572 – Primeiro curso de filosofia no Brasil, no Colégio da Bahia que certificava seus alunos com o grau de mestre em artes.
- 1774 – Aula régia de latim em São João Del-Rei e uma de filosofia no Rio de Janeiro.
- 1776 – Os franciscanos, com base nos estatutos da Universidade de Coimbra, inauguravam uma “aula régia” de filosofia no Rio de Janeiro, com 5 (cinco) cadeiras para Filosofia.
- 1827 – A Filosofia era ministrada nos cursos das Faculdades de Direito de São Paulo e Recife, voltada para o humanismo e o pensamento pedagógico

- 1838 – No Colégio D. Pedro II havia 12 cadeiras avulsas, entre elas, a Filosofia, com 34 alunos
- 1850 – A liberdade da reforma do ensino de Pombal veio comprometer a frequência da disciplina Filosofia nos programas. Fato curioso neste período, em que o homem buscava a certeza científica e a revolução industrial valorizava a técnica, foi a priorização do estudo do positivismo e a primazia da lógica nos programas de Filosofia, convergindo assim, para a formação da burguesia em profissões com saberes calcados nas ciências positivas.
- 1879 – Inspirado na Revolução Francesa e na filosofia de Rousseau, uma reforma torna autônomo, ou melhor, livre o ensino primário, secundário e superior em todo o império. Esta reforma, promovida por Carlos Leôncio de Carvalho, além de manter a cadeira de Filosofia nos locais já existentes, a incluía nos colégios normais.
- 1915 – Reforma de Carlos Maximiliano, fica claro o utilitarismo do ensino primário e secundário, quando a Filosofia passa a ser facultativa em detrimento da obrigatoriedade das disciplinas ditas científicas.
- 1925 – A Filosofia foi incluída nas duas últimas das seis séries do ensino secundário, na reforma promovida por Rocha Vaz, que visava uma formação para a “cultura geral”.
- 1930 – Com a revolução, Francisco Campos e Gustavo Capanema promovem o retorno efetivo de Filosofia ao currículo do ensino médio como disciplina obrigatória do científico e do curso clássico.
- 1960 – Com a Lei 4.024/61, o Conselho Fiscal de Educação, em relação às disciplinas obrigatórias do ensino médio, inclui a Filosofia entre as disciplinas complementares que poderiam ou não estar entre as obrigatórias, perdendo assim sua obrigatoriedade.

- 1964 – Com o golpe militar passou a ser optativa, dependendo da direção do estabelecimento de ensino. E com a Lei 5.692/71 do ensino médio que promovia a inclusão das disciplinas técnicas, segundo acordo de Cooperação EUA e Brasil, a exclusão de Filosofia e outras disciplinas de cunho humano foi total. E, desta forma o educando do 2º grau perdeu todas as matérias que podiam instigar sua formação cidadã e crítica para voltar-se total e automaticamente para a produção industrial.
- 1996 • Com o surgimento da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), nº 9.394/96 de 20 de dezembro, Filosofia e Sociologia por meio de uma menção dúbia, retornam ao currículo como disciplinas optativas, que podem ser ofertadas ou não, dependendo da direção da escola, que é quem decide o preenchimento dos 25% do currículo destinado para as disciplinas optativas.

Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que no final do ensino médio o educando demonstre (...) domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia necessários ao exercício da cidadania” (LDB. Art. 36, cap.II, título V, § 1º, inciso III)

- 2006 • O CNE (Conselho Nacional de Educação) decidiu de forma unânime, que as escolas de ensino médio devem oferecer as disciplinas de Filosofia e Sociologia aos alunos. A medida torna obrigatória a inclusão das duas matérias no currículo do ensino médio em todo o país, ampliando o que já era praticado em 17 estados.

Em 2008, após aprovação em concurso público, passamos a compor o quadro do Centro de Formação de Professores (CFP) em Amargosa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) que surge com a finalidade definida de interiorização do ensino superior e com a marca de resgate histórico da região do Recôncavo da Bahia e seus ex-

cluídos. Esta foi muito importante para o desenvolvimento econômico do país, ao mesmo tempo berço do tráfico e da exploração da mão de obra escrava negra nas lavouras de cana-de-açúcar e fumo.

Este clima de inclusão afrodescendente e resgate histórico esta presente em nossa chegada ao CFP e, talvez, tenha sido ele que juntamente com a minha primeira tarefa que era na época de participar e presidir bancas para formação do quadro docente do curso de Licenciatura em Filosofia, que tenham suscitado em minha memória problemas sobre o ensino de Filosofia que vinham me acompanhando como se adormecidos desde a graduação quando ministrei aula de Filosofia em escola do segundo grau até o mestrado quando se tornou tema da dissertação, até que em 2010.1 readaptamos o antigo projeto de mestrado que veio a se chamar **O Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jequiçá**; no semestre seguinte 2010.2 submetemos ao PIBIC, sendo o mesmo aprovado e contando após seleção com quatro colaboradores, uma bolsista remunerada Fundação de Apoio à Pesquisa na Bahia FAPESB e três bolsistas remunerados com auxílios-permanência da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE).

A incômoda situação em que se encontra a Filosofia no ensino médio e além da pouca ou quase nula produção filosófica sobre o ensino de Filosofia, seria suficiente para justificar este projeto. Porém, temos outros motivos que são: a volta precária da disciplina Filosofia ao ensino médio e a responsabilidade que tem o filósofo-educador em devolver seus conhecimentos à sua “*pólis*”, pois aquele que sai da escuridão da caverna tem obrigação de voltar para ajudar aos outros a ver a claridade.

Este projeto de investigação sobre o ensino de Filosofia compreende três universidades nos seus respectivos cursos de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Estadual Santa

Cruz (UESC) e três municípios que, geograficamente, estão na região chamada de Recôncavo Sul, espaço de transição entre o serrado e a caatinga, fim do recôncavo e começo do sertão onde as semelhanças e deferências saltam aos olhos de quem vem de fora e que a princípio espera uma unidade cultural por todo o Recôncavo.

Estes municípios são: Amargosa, município com aproximadamente 36 mil habitantes, onde a escola pesquisada é o Colégio Estadual Pedro Calmon.

Mutuípe, município com aproximadamente 21 mil habitantes, onde a escola pesquisada é o Colégio Estadual Professor José Aloísio Dias.

Brejões, município com aproximadamente 14 mil habitantes, onde a escola pesquisada é o Colégio Estadual Ana Lucia Castelo Branco.

Objetivos

O objetivo principal do projeto é procurar o lugar da Filosofia no Ensino Médio que até hoje não foi encontrado e a melhor maneira desta disciplina ser ensinada. Para este percurso, temos que responder a algumas outras questões, ou melhor, dar conta de outros objetivos que para nós são secundários perante o objetivo maior, porém são tão importantes quanto este, pois há uma interdependência entre eles.

Os objetivos secundários são:

- Localizar fazeres metodológicos pedagógicos, tipos de avaliações, “*maestrias*”¹ do professor de Filosofia no Ensino Médio;
- Examinar qual o conteúdo programático de Filosofia que vem sendo seguido e quais suas consequências no nível médio;
- Observar os cursos de Filosofia do nível superior, verificando como está sendo feita esta formação;
- E, por último, desvelar os discursos e intenções daqueles que formularam a nova LDB, mostrando através da semiótica do

discurso o que pretende a lei, ou melhor, a serviço de quem está a lei.

- Verificar como está se dando este ensino a partir da obrigatoriedade proposta pelo CNE (Conselho Nacional de Educação) desde julho de 2006.

Como já foi dito, todo este esforço vai ser realizado para que possamos encontrar o local didático-político-pedagógico da Filosofia ao lado das outras disciplinas que compõem a grade do ensino médio no estado da Bahia na região do Recôncavo Sul, pois percebemos a importância desta disciplina na formação cidadã, crítica, reflexiva e politizada do povo brasileiro.

Metodologia

18

Como o projeto investiga o ensino de Filosofia partindo da Universidade onde se forma o filósofo até a escola onde ele trabalha e tem como fonte a entrevista semiestruturada com gravação e transcrição de falas, juntamos ao método do projeto anterior, que é a análise semiótica a fenomenologia, que é o método que visa o retorno às coisas mesmas. Mas, o que seria este retorno às coisas mesmas, esta redução fenomenológica, este retorno à consciência, esta suspensão de pensamento na direção de uma consciência pura. Como se opera um método tão radical?

Esta radicalidade de pensamento exige uma mudança, também radical, de comportamento. Em primeiro lugar, é necessário que se esteja livre de conceitos prévios sobre o objeto de estudo, e caso já se tenha algumas informações sobre ele; deve-se mantê-las em suspenso na mente, isto é, não levá-las em consideração aprioristicamente. De certo modo, no começo da pesquisa, deve-se fechar os ouvidos para a tradição, o que não é desprezá-la, mas pô-la de lado e esperar que a coi-

sa se mostre. Em segundo, mudar o olhar em torno da coisa para que ela penetre na consciência, na sua totalidade como ela é, com as suas mais diversas facetas e possibilidades. Neste caso, a visão deve ser com maior número de dimensões e de olhares possíveis, sempre mudando (manter-se em movimento, em torno da coisa, abandonando a antiga postura estática entre o sujeito e o objeto) para não se acostumar só com um ângulo.

O sujeito e o objeto devem aproximar-se de maneira que se torne um só, sem distanciamento, nem neutralidade, pois, assim, o que o ser é vai se tornar consciência de. O sujeito do conhecimento deve participar amplamente da pesquisa sem distanciamento. Deve o sujeito do conhecimento sempre interrogar e suspeitar da consciência empírica, psicológica e existencial, para que possa atingir um conhecimento natural das coisas mesmas dos fatos, das ideias e dos afetos.

Desta forma, aberto de maneira consciente, receptivo e sem juízos prévios, num estado de diálogo com o seu objeto de pesquisa, este vai mostrar-se, vai materializar-se na consciência do observador como fenômeno do verbo grego *phanómenon*, que significa aquilo que aparece, que se mostra à luz, que brilha.

A experiência prévia do pesquisador e os ecos da tradição vão fazer parte de um momento pré-reflexivo que se dará após a coleta de dados, no momento da análise e tratamento dos mesmos, ou seja, é um momento rico de uma segunda reflexão, *a posteriori*, entre a coisa mesma e o que eu sabia, previamente, sobre a coisa. Ao olhar atentamente, é possível notar que a fenomenologia é uma espécie de comunicação da realidade à nossa consciência, uma maneira de conversar com o problema de pesquisa, de inquiri-lo, de dialogar com ele para compreendê-lo, interpretá-lo; faz-se necessário um interrogar constante de rigor filosófico para que o fenômeno venha a mostrar-se.

Por que através da análise semiótica? Porque é um método que dá conta das urgências, além de ser uma análise que procura ver as

19

contradições do discurso em relação à prática e está ligada às relações do homem e sua cultura através da linguagem, ou melhor, dos discursos”, detectando o que é falso, o que é verdadeiro, e ainda seus agentes duplos, isto é, que podem ser falsos e verdadeiros.

E ainda porque, como já foi dito no decorrer deste projeto, os antigos métodos da teoria do conhecimento (sujeito-objeto) por serem de característica estática, não dão conta do conhecimento dos fatos. Conforme explica Severino (2000, p.13): “A filosofia se torna uma *paideia*³ na medida em que, necessariamente se destina a formar a coletividade humana.”

Utilizaremos como método, a mediação semiótica porque sendo esta a ciência de todo e qualquer tipo de linguagem, o seu poder de consenso relega os outros saberes não analíticos a uma segunda ordem, pois ao examinar as formas de linguagem ela (a semiótica) examina a produção de “significação e de sentido” dos discursos.

Uma descrição semiótica visa focalizar ações, pensamentos e estruturas deônticas para vislumbrar as contradições numa análise “marxista dialética” dos discursos com rigor para confrontá-las com os discursos oficiais. Uma análise semiótica passa por se ver e rever a prática, dos fatos dos pensamentos, dos dizeres e dos fazeres, desvelar, desmascarar e descobrir as falsidades.

Na perspectiva de uma análise semiótica dos discursos o dito deve ser analisado juntamente com os fazeres para podermos ver as coerências.

A mediação semiótica é a ciência da consciência, da cultura, é um operador mediador entre privado e público ou a interação entre sujeito e o objeto, é a mediadora entre pensamento e linguagem, pois a semiótica é bidirecional (de agentes duplos).

A semiótica não tem referência nos significados e sim, na ação das significações (possibilidades). O olhar semiótico introduz dinâmicas nos processos, indicação, alusão, menção dos significados, planejamentos e operação de sentidos.

Assim, usaremos a mediação semiótica, pois a teoria clássica de sujeito e objeto na qual o sujeito é privilegiado em relação a um objeto estático não dá conta dos movimentos e, conseqüentemente, não resolve os problemas a contento. Como diria Miguel Bordas (1999, p.91):

A semiótica aparece como ciência de interpretação dos processos de formação e representação das culturas, como ciência das vozes. O “plural” de Barthes mostra-nos a perspectiva de um indivíduo que tenta encontrar, como elemento de análise, aquilo que há de plural no cotidiano. O que existe de plural é o que existe de tipologizado, como estrutura mais permanente, os arquétipos poderiam ser indicadores de uma pré-noção de plural. Esses elementos formam, às vezes, os balizamentos, as verdades de cada cultura: os significados e valores que configuram as saliências perceptivas da experiência individual quando ultrapassam a instância intersubjetiva e atingem uma objetividade.

A análise que consideramos como: semiótica, marxista, dialética e quadrangular, a qual será desenvolvida da seguinte maneira:

Analisaremos todos os documentos e fatos históricos que mostram a Filosofia e, conseqüentemente, a educação em Amargosa e no Vale do Jequiriçá até os dias atuais;

Analisaremos todos os discursos de professores e alunos, as leis, as justificativas e a intenção discursiva dos políticos, das autoridades em educação, dos governantes e principalmente da nova LDB e CNE (Conselho Nacional de Educação);

Ouviremos professores e alunos, além de lermos o máximo possível de textos sobre o tema “filosofia na escola”;

Observaremos as práticas, seus efeitos sobre os educadores e educandos nas instituições de ensino de nível médio que ofereça a disciplina Filosofia, como também nas escolas de nível superior em que existam cursos de licenciatura e bacharelado em Filosofia;

Finalmente, enquadraremos as informações obtidas, observando os movimentos, suas contradições, seus acertos e possibilidades, de uma maneira dialética, sem nos preocuparmos com a ordem, porém tentando identificar a coerência.

Considerações Finais

No momento, a pesquisa ultrapassou a fase das revisões bibliográficas feitas por meio de seminários executados pelo grupo e estamos em observação nas salas das escolas citadas no texto acima. Também já fizemos os questionários a serem aplicados na escola. Tais observações têm resultado em relatórios interessantes como o da discente Rita Rezende Muniz colaboradora do PIBIC, na Escola Estadual Pedro Calmon, no segundo ano do Ensino Fundamental.

No dia 15/04/11, compareci na aula da professora Zélia e houve a minha apresentação aos alunos desta sala, isso aconteceu logo após que a professora organizava junto aos alunos os grupos da apresentação de seminário, portanto ela indagou se eles estavam sabendo deste trabalho em grupo e que tomassem seus lugares para que começassem as apresentações. Assim neste momento em que os alunos se acomodaram em suas cadeiras, a professora Zélia pediu que me apresentasse, e comecei falando do que se tratava por está ali com eles em sala e que eu fazia parte do grupo de pesquisa do Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jequiriçá; que eu sou aluna de Filosofia da UFRB. Passado este momento, começaram as apresentações dos grupos. Os temas falavam dos filósofos clássicos e alguns pré-socráticos como: Platão, Aristóteles, Sócrates, Heráclito etc. E assim, cada um do grupo dizia a biografia, obras, vida, teorias, morte e suas considerações. Pude observar que alguns grupos alcançaram um entendimento da sua fala, outros só leram por ser um trabalho para nota e que só participando conseguiriam ter este objetivo. Tiveram alunos que não quiseram falar e também alguns grupos tiveram divergências, mas logo contornadas, tanto por eles mesmos, quanto com a interferência da professora Zélia. Portanto, foi interessante por ter se trabalhado temas filosóficos. Em certo momento, fui indagada por uma aluna querendo saber, para que servia o curso de Filosofia? Eu respondi que, no meu caso era Licenciatura e que eu iria me formar para ser professora de Filosofia. E ela disse que não gostava de Filosofia e que não queria ensinar. No dia 29/04/11, a aula da professora Zélia Lima dos Santos, que teve início às

08h30, começou com ela falando sobre alguns trabalhos que fez correção, onde os seus comentários eram num tom de bronca, e os alunos não estavam muito interessados, alguns ficaram até chateados havendo comentários entre eles próprios alunos. A dinâmica desta aula foi formar grupos para a leitura de texto xerocopiado, dado pela professora e que pedia para produzirem por escrito o que entenderam do texto, que tinha como tema: “A Fortuna e o Mendigo”, onde, também, tive acesso ao texto em aula. A tarefa foi ler o texto em grupo e por escrito, colocar o seu entendimento, isso foi individual para cada um fazer o seu texto, após o trabalho escrito a professora se dirigiu a cada grupo e pediu para cada componente para ler o seu texto. Um ou dois alunos não quiseram ler e outro grupo só um falou em nome de todos. Porém essa dinâmica seria mais produtiva se abrisse em círculo para se ouvir a turma, pois tinha aluno que falava muito baixo e quem estava no final da sala ficou sem prestar atenção, se dispersando do tema, onde poderia aproveitar mais o momento de leitura e produção de texto. A aula aconteceu em dois horários consecutivos. No final a professora pediu que devolvêssemos os textos, pois ela ia aplicá-los em outra turma. Foi interessante esta aula, porque os alunos tiveram tarefas a cumprir, e mesmo os que não tiveram muito interesse pela aula permaneciam devidamente na sala de aula. A professora deveria colocar os alunos em círculo para uma melhor socialização. Aconteceu de alunos ficarem jogando bolinhas de papel no chão da sala. O término da aula ficou com a chamada na caderneta feita pela professora.

Esta pequena amostra da observação feita pela discente nos mostra a riqueza de conteúdo que teremos para nossas análises, haja vista que, ainda não começamos as entrevistas uma vez que estas só serão executadas após uma familiarização da turma com a pesquisadora. Compõem este grupo de pesquisa os discentes: Aline Santos Ferreira do curso de Pedagogia, bolsista PIBIC/UFRB/Fapesb, Carla Vanessa Brito de Oliveira do curso de Licenciatura em Filosofia, colaboradora PIBIC/UFRB, Rita Resende Muniz do curso de Licenciatura em Filosofia, colaboradora PIBIC/UFRB, Alexsandro da Silva Marques colabo-

rador PIBIC/UFRB, Luciana Santos dos Santos do curso de Pedagogia, colaboradora PIBIC/UFRB, Adriana Conceição dos Santos do curso de Licenciatura em Filosofia, bolsista PROPAAE/UFRB, Jailane da Silva dos Santos do curso de Pedagogia, bolsista PROPAAE/UFRB, Jociel Nunes Vieira, bolsista PROPAAE/UFRB.

Referências

BORDAS, Miguel Angel Garcia. *Senso crítico: conciliação entre universidade e realidade. Educação em Debate*, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 4, n. 1, 1982.

_____. *O processo educacional, a comunicação e os agentes duplos: elementos para uma teoria da ação educativa em base semiótica. Ágere: Revista de Educação e Cultura*, Salvador: Quarteto Editora/ Publicação do Núcleo de Linguagem, Desenvolvimento e Ação Pedagógica de Pós-Graduação em Educação da UFBA, n. 1, p.87-108, 1999.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 6. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Tradução Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

_____. *A aventura semiológica*. Tradução Maria de Sta. Cruz. Lisboa: Edições 70, 1987.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*, tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARTOLANO, Maria Teresa P. *Filosofia no Ensino de 2º grau*, São Paulo: Editora Cortez, 1985

ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Tradução Mariarosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo: Editora Ática, 1991.

GALEFFI, Dante Augusto. *Notas sobre a Educação estético-artística como atividade filosófica. Ex-Catacumbis*, Salvador: ADUCSAL, ano 3, n. 2, p.6-10, 1997.

GALEFFI, Dante Augusto. *Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia na escola média*. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GALEFFI, Dante Augusto. *O papel da filosofia no ensino médio: indicador, guardador ou construtor/desconstrutor de lugares? Ágere. Revista de Educação e Cultura*. Salvador. V. 1 p.183-197.1999.

HORN, Geraldo Balduino. *A presença da filosofia no currículo do ensino médio brasileiro. uma perspectiva histórica*. In: GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). *Filosofia no ensino médio*, Coleção Filosofia na Escola, vol.6, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos, Lisboa: Fundação Caloutre Gulbenkian, 1985.

KOHAN, Walter Omar; LEAL Bernadina; RIBEIRO, Alvaro (Orgs.). *Filosofia na escola pública*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. (Coleção Filosofia na Escola, 5).

LDB, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos coligidos*. In: OS PENSADORES, XXXVI. Tradução Armando Mora D' Oliveira e Sérgio Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.9-107.

_____. *Semiótica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 2. ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1990.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Sonia Maria R. *Por que filosofia?: uma abordagem histórico-didática do ensino da filosofia no 2º grau. 1992*. Tese (Doutorado em Educação), São Paulo: Faculdade de Educação/ USP, 1992.

Notas

1. Este texto faz parte da pesquisa em andamento desde 2010.2, O Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jequiriçá, envolvendo três municípios do Recôncavo Sul da Bahia (Amargosa, Brejões e Mutuípe) e, respectivamente, três escolas estaduais, uma em cada município; conta com a participação de quatro colaboradores do PIBIC e uma bolsista PIBIC/ Fapesb e três bolsistas cotistas do programa de permanência qualificada PROPAAE/UFRB.
2. Este termo foi usado por Dante Galeffi ao descrever o ato de ensinar filosofia no artigo **O papel da filosofia no ensino médio: indicador, guardador ou construtor/desconstrutor de lugares?** Ágere. Revista de Educação e Cultura. Salvador. V. 1 p.183-197.1999.
3. Paideia do grego – civilização, educar tornou-se o próprio sinônimo da cultura grega.

ENCAMINHADO PARA PUBLICAÇÃO: 03.04.2011

ACEITO PARA PUBLICAÇÃO: 10.05.2011

A GERONTOLOGIA EDUCACIONAL E A INTEGRAÇÃO DE GERAÇÕES DE GRADUANDOS E PESSOAS IDOSAS NO ICF

EDUCATIONAL GERONTOLOGY AND THE INTEGRATION OF STUDENT GENERATIONS AND ELDERLY PEOPLE AT ICF

CASSANDRA MARIA BASTOS FRANCO

Graduada em Serviço Social (UFPI). Especialista em Docência Superior (FSTJ) e em Gerontologia Social (UFPI). Mestranda em Políticas Públicas (UFPI). Professora do Curso de Serviço Social do Instituto Camillo Filho (Teresina-PI). Membro do Núcleo de Extensão e Pesquisa da Pessoa Idosa (Teresina-PI). Assistente Social da Central de Transplantes do Piauí. Publicou os livros: *Os diferentes olhares do cotidiano profissional* (Edições UFC); *Lápis, agulhas e amores: história de mulheres na contemporaneidade* (Edições UFC); Autora de artigos científicos.

E-mail: cassandra.franco.@ hotmail.com

FRANCISCO DE OLIVEIRA BARROS JÚNIOR

Graduado em Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Universidade de Fortaleza. Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Prof. Dr. do Departamento de Ciências Sociais da UFPI. Prof. Dr. do Mestrado em Políticas Públicas (UFPI) e do Mestrado de Antropologia e Arqueologia da (UFPI). Prof. do Programa Terceira Idade em Ação-P.TIA (Teresina-PI). Linha de pesquisa: envelhecimento e sociedade; antropologia da saúde; sociologia da religião. Autor de vários artigos científicos.

E-mail: barrosjr@ufpi.edu.br

Resumo

Este artigo traz discussões teóricas e vivências acadêmicas acerca da gerontologia educacional e sua aplicabilidade em cursos de extensão em instituição de ensino superior, especificamente no Instituto Camillo Filho (ICF), em Teresina-Piauí. Além dos estudos teóricos, os autores deste artigo apresentam vivências do cotidiano de sala de aula no tocante à integração de gerações entre docentes, graduandos e alunos do INTEGERA matriculados em disciplinas do curso de Serviço Social. Entre as temáticas abordadas no texto, estão Gerontologia Educacional, Integração de gerações, Programa INTEGERA-ICF. Após as análises de vivências em salas de aula e estudos teóricos, consideramos que foi iniciada a promoção de oportunidades educacionais apontadas como ganhos evolutivos para jovens, adultos e idosos, justamente por intensificarem os contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimentos teóricos/acadêmicos. Tendo em vista as análises teóricas